

## CORPOREIDADE NA EDUCAÇÃO FÍSICA?!

CAROLINA MACHADO DE OLIVEIRA<sup>1</sup>

EDUARDO CARTIER<sup>2</sup>

Centro Universitário para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí – UNIDAVI  
Universidade Regional de Blumenau – FURB  
Rio do Sul/ Blumenau, SC, Brasil  
carolina@unidavi.edu.br

### CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este ensaio teve como intenção refletir sobre a corporeidade, considerando o adestramento corporal e a fragmentação do corpo como elementos presentes historicamente no desenvolvimento da Educação Física no Brasil.

Debater a corporeidade numa perspectiva que considere a diversidade como componente fundamental para a localização da Educação Física num campo de conhecimento vasto e complexo não é tarefa fácil, tendo em vista a operacionalização da disciplina no âmbito da práxis que ainda reproduz - sobretudo em nível escolar - os modelos técnicos, práticos e biológicos que a caracterizam historicamente.

Mesmo com uma - algumas - discussão crítica presente na literatura específica desde 1980, parece que o caráter de emancipação humana se encontra bem distante das possibilidades de uma aprendizagem significativa, portanto que não seja sustentada no adestramento e determinismo que idealizam a Educação “Física”, aquela que cuida do corpo.

A representação da Educação Física na escola materializa ideais condicionantes sustentados em concepções rígidas - por exemplo, *elaboração de planos de ensino ridicularizados numa visão de aquecimento, desenvolvimento e volta à calma, como se esta estrutura fosse a única e perfeita forma a ser desenvolvida no ambiente escolar* – e paradigmáticas.

A utilização do conteúdo “esporte” utilizado nas aulas de Educação Física escolar perpetua o caráter utilitarista e funcional dado ao corpo. Neste sentido, a corporeidade manifestada se associa a uma idéia de venda, mercado e produção.

Estes apontamentos desenvolvidos *a priori* permitiram a elaboração da perspectiva basilar que direcionou nosso estudo, ainda que, ora em primeira pessoa ora em terceira, a saber: que corporeidade estamos pensando quando desenvolvemos Educação Física?

As condições materiais de escrita surgem das reflexões desenvolvidas em cursos de graduação e pós – graduação em Educação Física e da práxis pedagógica desenvolvida no *chão da escola*, e dos espaços não formais, portanto emerge da realidade empírica, ou seja, aquela que se manifesta na necessidade de uma ressignificação de conceitos e de processos de trabalhos que envolvem sentimentos, bem como da utilização de metodologias de ensino significativas que - de fato - contribuíram para uma Educação Física que evidencia a emancipação do ser humano rumo a compreensão de sua corporeidade.

De modo a uma melhor compreensão da temática, desenvolvemos o texto em dois momentos, obviamente inesgotáveis, a saber: breve contextualização histórica da Educação Física; e a cultura do corpo e o adestramento corporal.

### BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

A Educação Física da forma como é concebida em nossa sociedade tem suas bases políticas, econômicas e sociais advindas das transformações ocorridas no mundo, e

---

<sup>1</sup> Professora Mestre do Curso de Educação Física do Centro Universitário para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí – UNIDAVI.

<sup>2</sup> Professor Doutor do Curso de Educação Física e História do Centro Universitário para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí – UNIDAVI e da Universidade Regional de Blumenau – FURB.

enfaticamente na Europa, por volta do século XIX. É neste período que conceitos básicos sobre o corpo e sua utilização como força de trabalho são elaborados (SOARES, 2004).

A partir de elementos desencadeados pela Revolução Burguesa, a Educação Física em sua origem tem a missão de contribuir para a construção do homem novo para a, também nova, sociedade que estava sendo criada. Tendo a classe burguesa se estabelecido como classe dominante, inevitavelmente ela própria acabava por criar seu oponente histórico, a saber, a classe operária. E é para esta classe operária que a Educação Física inicia suas primeiras ações, não com o intuito de ser uma manifestação de classe, e sim, pensada como “uma disciplina necessária a ser viabilizada em todas as instâncias, de todas as formas, em todos os espaços onde poderia ser efetivada a construção deste homem novo: no campo, na fábrica, na família, na escola” (SOARES, 2004, p.5-6). Ainda segundo Soares, a Educação Física nasce sendo a própria expressão da sociedade do capital.

Assim, sendo um reflexo da sociedade em que está inserida, a Educação Física em suas raízes é moldada pelo positivismo, concepção de ciência hegemônica até então. A visão positivista de ciência remeteu ao corpo a importância dos estudos anatomofisiológicos, com todas suas particularidades e especificidades e negou este mesmo corpo em sua perspectiva histórica e social. Para Soares (2004, p.7) é o ser humano biológico e não o ser humano antropológico o centro da nova sociedade que se inaugurava em meados do século XIX. Com este pensamento, várias são as teorias elaboradas para justificar as desigualdades sociais, todas elas sendo apresentadas como “desigualdades naturais”

A acelerada urbanização e proletarização da Europa desencadearam um crescimento rápido e desordenado das cidades e áreas industriais, em contrapartida, o atendimento desta população em seus anseios mais básicos como moradia, alimentação e assistência sanitária não foram contemplados, não tardando o aparecimento de grandes epidemias como a cólera, o tifo e a febre (SOARES, 2004). Aqui no Brasil, diante destes acontecimentos a figura do médico, principalmente o higienista, aparece para dar conta desta “desorganização” em que se encontra o trabalhador e sua família. É a classe médica a protagonista de uma história da Educação da Física pautada no viés higiênico em um primeiro momento.

Delegando à Educação Física a tentativa de resolução de parte dos conflitos oriundos das desigualdades sociais, a classe médica esperava que aquela em suas diversas manifestações, segundo Soares (2004) fosse a expressão de uma sociedade biológica e naturalizada, incorporando e veiculando a ideia de hierarquia, ordem, disciplina, fixidez e da saúde como sendo de responsabilidade individual.

Neste contexto, o corpo de que trata a Educação Física, ou melhor dizendo, o corpo que é destinado aos cuidados desta área, é um corpo a-histórico, que deve ser desenvolvido para ficar forte, saudável, robusto e harmonioso. A saúde desse corpo é pensada meramente enquanto utilidade na conversão das energias em força de trabalho. Com isso quer se dizer que a Educação Física em sua origem está comprometida com a manutenção do pensamento cujas determinações são sempre de caráter biológico, o que leva a delimitação dos espaços de classes sociais, assim como dos papéis sociais, o que garante a harmonia da ordem social vigente (SOARES, 2004).

E se na “inauguração” da área foi o corpo biológico e não o corpo antropológico de que cuidou a Educação Física, passado pouco tempo são os militares a reforçarem a importância suprema desta área no alcance da nova ideologia nacional. Mantêm-se os conceitos básicos de higiene e eugenia e soma-se a estes o ideário do “Desenvolvimento com Segurança”.

Em um segundo momento de sua história, coube à Educação Física durante o Estado Novo, a militarização do corpo por meio da moralização que este sofreria com o exercício físico, pelo aprimoramento eugênico e pelo preparo físico que a disciplina fomentaria com vistas à repercussão deste no mundo de trabalho. Por sua vez, competiu à Educação Moral e Cívica estimular nos jovens o desenvolvimento da sinergia, solidariedade, coragem, obediência, bem como ensinar um código de conduta, além de instigar a exaltação da nacionalidade.

Dessa forma, a prática da Educação Física foi fomentada nas suas diversas manifestações para que não sobrasse tempo para qualquer tipo de reflexão por parte dos estudantes e trabalhadores, evidenciando-se assim o entendimento que sempre se teve acerca da área, de que a mesma não possui nenhuma característica voltada ao pensamento reflexivo, sendo somente exercitação de músculos.

A partir do que foi brevemente mencionado acima, nota-se que a marca de maior expressão deixada pelos militares na história da Educação Física foi a preocupação tão somente com o desenvolvimento da aptidão física em detrimento de uma Educação Física que pensasse o ser humano enquanto um ser uno, indivisível e não fragmentado. Não complexo fica compreender o porquê da área viver e ser vista a partir desta imagem construída historicamente.

O que se percebe da origem e primeiros passos da área é o desenvolvimento desde cedo de uma pedagogia que valoriza o corpo meramente enquanto possuidor de capacidades físicas que podem ser otimizadas para renderem mais. Além disso, a Educação Física enaltece as diferenças sociais ao primar pelo desenvolvimento motor alienado de uma reflexão social, como se o mesmo pudesse ser dissociado em fragmentos corporais e intelectuais. Enfim, nasce para dar conta de uma demanda da população doente e desamparada pela classe dirigente. Nasce para operacionalizar prescrições médicas e suas intenções de classe, assim como para moralizar e adestrar corpos “desprovidos de pensamento”.

## **A CULTURA DO CORPO E O ADESTRAMENTO CORPORAL**

A educação das técnicas corporais está presente basicamente em todos os segmentos que se utilizam do corpo para a sua compreensão como indivíduo, bem como daqueles que utilizam o corpo como forma de localização na sociedade.

Na primeira assertiva podemos observar a compreensão da corporeidade enquanto forma de manifestação da expressão corporal. Numa perspectiva ampliada, podemos pensar a corporeidade como a totalidade da consciência corporal em que está implícita qualquer atividade humana com representatividade e a construção de seus referenciais, sejam eles intencionais ou não.

Neste sentido, o corpo, dotado de manifestação de expressão – portanto, não exclusivamente um emaranhado mecânico e metabólico – sinaliza uma condição real vivida e dotada de significados e representações relevantes ao contexto de vivência de cada indivíduo.

A consciência corporal quando pensada em sua totalidade, aproximaria a perspectivas biológicas contida nos componentes proprioceptivos com as perspectivas não biológicas, como as dimensões sociais, econômicas, políticas, entre outras, que compõem a natureza relacional do ser humano enquanto ser histórico e antropológico.

A compreensão do corpo a partir do paradigma da corporeidade estabelece uma ruptura significativa de que o adestramento e a docilidade corporal – devidamente consolidado no corpo teórico/histórico da Educação Física – fazem parte de um exacerbado controle, domínio e posicionamento escatológico aos desígnios da produtividade capitalista que procura a disciplina e o domínio do ser humano na condição de dependência daqueles que possuem o poder e os recursos capitais.

Na atual sociedade capitalista o controle corporal tem oportunizado um distanciamento da condição humana que identifica o ser humano como um ser intencional. A formalização e os estereótipos culturais presentes e construídos neste modelo de sociedade tem oportunizado ao ser humano uma série de fenômenos que tem como objetivo a manipulação corporal, e por sua vez, o distanciamento das condições afetivas e emocionais.

A instituição escolar tem contribuído significativamente para esta posição maniqueísta, quando sinaliza princípios e normas fundamentais para se viver em sociedade, não obstante passamos maior tempo de nossas vidas inseridas nestes espaços.

Os signos internalizados pela instituição escolar parecem ter possibilitado este contexto de servilização do ser humano, e nesta esteira, a Educação Física com seus objetos e

objetivos parece ter perpetuado esta perspectiva de maneira pontual, determinista e sem questionamentos. Para Candau (2004) a servilização é a eliminação física do outro ou por sua escravização, que também é uma forma violenta de negação da sua alteridade. Os processos de negação do outro também se dão no plano das representações e no imaginário social.

A segunda assertiva permite a compreensão destas caracterizações e o distanciamento do ser humano de suas potencialidades criativas, pois a escravização do corpo tem sido evidenciada a longas datas.

A sacralização do corpo é indubitavelmente uma construção histórica e social que tem objetivos claros de manutenção do poder e a concentração de riquezas para as minorias economicamente favorecidas.

As formas de compreender o ser humano, enquanto ser dotado de consciência e expressão traz em si interpretações sustentadas em verdades e crenças que são internalizadas em nosso corpo sem as devidas reflexões.

Neste ínterim, a Educação Física tem contribuído de maneira sistemática a essas interpretações. A dicotomia entre corpo e mente, certamente coloca o corpo numa relação subalterna em que a mente; devidamente intelectual; adestra, controla e determina ao seu bel prazer.

Para Giddens (2002) o uso regularizado de conhecimento sobre as circunstâncias da vida social como elemento constitutivo de sua organização e transformação, torna o corpo um foco do poder disciplinar, em que torna-se um portador visível da auto-identidade, estando cada vez mais integrado nas decisões individuais do estilo de vida.

Neste processo de promoção a disciplina; algo instituído historicamente na Educação Física; a corporeidade encontra subjugada aos interesses de outros, sobretudo do sistema capitalista que subjuga e estabelece hierarquias e do processo de normatização dos indivíduos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O corpo na sociedade atual pode ser compreendido numa perspectiva escravista aos moldes de construção histórica, bem observável inclusive na Grécia antiga. Esta perspectiva idealiza um corpo moldado aos interesses desta sociedade capitalista, que numa visão em Marx e Lukács, poderíamos entender com um princípio de reificação.

A partir disto, é fácil observar a caracterização desta visão utilitarista, fruto da concepção de mercado, que evidencia, indubitavelmente, à condição do corpo como produção, na qual promove a valorização maciça do capital, em que dedicar-se a construção reflexiva e significativa da corporeidade se torna uma futilidade, portanto desnecessária.

Que corporeidade estamos desenvolvendo, manifestando e oportunizando nas aulas de Educação Física escolar? Certamente aquela que normatiza e idealiza corpos adestrados e dóceis para que de maneira irreflexiva e a-histórica seja condicionada aos reais interesses de sociedade que prima pela desigualdade social, que cria suas contradições e necessidades e que, de maneira vigilante e punitiva controla suas expressões e dita as regras servis.

## REFERÊNCIAS

- CANDAU, V. M. F.. Universidade e diversidade cultural: alguns desafios a partir da experiência da PUC-Rio. In: PAIVA, Â. R. (org.). **Ação afirmativa na universidade**: reflexão sobre experiências concretas Brasil - EUA. Rio de Janeiro: PUC-Rio: Desiderata, 2004.
- GIDDENS, A. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.
- SOARES, Carmen Lucia. **Educação Física**: raízes européias e Brasil. Campinas: Autores Associados, 1994.